

NOSSOS FUTUROS GESTORES ESTÃO PREPARADOS PARA ENFRENTAR A CRISE DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS ?

O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), criado pelo Ministério da Educação (MEC), tem por objetivo verificar o desempenho dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos diferentes cursos de graduação (ensino superior), suas habilidades frente às exigências decorrentes da evolução do conhecimento e suas competências para compreender temas externos ao âmbito específico de sua profissão, bem como de outras áreas do conhecimento,

Assim, os resultados do ENADE são referências que permitem a definição de ações voltadas à melhoria da qualidade dos cursos de graduação, quer pelas autoridades educacionais, quanto (e, sobretudo) pelas próprias instituições de ensino..

Ao contrário do “Provão”, que avaliava anualmente todos os formandos (concluintes) de cursos de nível superior, o ENADE avalia apenas uma amostra de alunos (definida por sorteio), porém o faz para alunos iniciantes e concluintes de cada curso das instituições públicas e privadas.

A proposta que o Núcleo de Estudos em Percepção Ambiental / NEPA apresenta, tendo como base a filosofia adotada pelo ENADE, é da criação (em caráter não compulsório) do “ENADE Ambiental”, este diretamente ligada à necessidade de conhecer, quando ingressam e após formados, o perfil de cidadania ambiental de estudantes do ensino superior, para identificar, avaliar e atuar sobre as possíveis disfunções do conhecimento ambiental, de diferentes cursos de nível superior, adequando-os às demandas do mercado de trabalho e, em particular, a inevitável crise ambiental que a sociedade deverá enfrentar nas próximas décadas.

Certamente tal processo não estará avaliando unicamente a eficácia da ação das instituições de ensino sobre seus alunos, mas sim todo o contexto a que os estudantes estão submetidos (TV, jornais, revistas, ação das ONGs ambientalistas, etc), inclusive o conhecimento ambiental disponibilizados nos cursos.

A avaliação, como já está ocorrendo (conduzida pelo NEPA-UNIVIX) com cursos de Administração e Engenharia de duas instituições de ensino superior sediadas na Grande Vitória - ES, tomou como base

um questionário especialmente desenvolvido pelo NEPA, onde se procura quantificar o conhecimento ambiental básico (perfil de cidadania ambiental), frente a diferentes aspectos da temática ambiental, comparando-se os resultados obtidos de ingressantes e concluintes.

É importante destacar que a avaliação do conhecimento ambiental já está incorporada à avaliação do ENADE, porém o que se propõe é uma avaliação em separado e detalhada deste conhecimento, dado a importância, crescente e crítica, das demandas do mercado por profissionais preparados para atender as exigências ambientais das empresas, quer do ponto de vista de planejamento de suas atividades futuras, ações corretivas em relação às atividades presentes, bem como o próprio processo de obtenção e renovação de suas licenças ambientais junto aos órgãos normativos de controle ambiental e, o essencial relacionamento das empresas com suas partes interessadas.

Não podemos esquecer que a grande maioria dos formandos não é incorporada às grandes empresas (que contam com grupos especializados e multidisciplinares para tratar dos temas ambientais), mas as micro, pequena e média empresas, onde tais gestores, à luz do seu preparo para tal, acabam por moldar a postura adotada pela empresa.

A proposta de criação do “ENADE Ambiental” visa a caracterização progressiva de um perfil nacional de ingressantes e concluintes de diferentes cursos de nível superior, possibilitando a formulação / reformulação dos projetos pedagógicos dos próprios cursos, ajustando-os as necessidades de adequação de disfunções ambientais / sociais observadas, imprescindíveis à formação dos diferentes profissionais que chegam ao mercado de trabalho.

Os resultados das pesquisas realizadas pelo NEPA na linha da adoção do “ENADE Ambiental” mostram (e enfatizam), mesmo que ainda em caráter preliminar, a importância da adoção deste novo e complementar instrumento de avaliação dos estudantes do ensino superior, em caráter não compulsório, envolvendo não apenas os aspectos ambientais, mas também os sociais.

No momento que discutimos a crise das Mudanças Climáticas, aonde muito se vem falando (necessariamente) a respeito das formas “corretivas” de equacionar o problema, há que se ter idêntica preocupação com as opções “preventivas” de encaminhar o mesmo tema, o que nos parece ser, entre outros, a preocupação de conhecer como nossos jovens estão preparados (do

ponto de vista do conhecimento ambiental básico) para assumir (e manter) o gerenciamento desta crise.

Roosevelt S. Fernandes, M.Sc.

Membro titular dos Conselhos Estadual de Meio Ambiente e do Estadual de Recursos Hídricos (ES). Também membro titular do Conselho de Meio Ambiente da CNI. Coordenador do curso de Eng. de Produção Civil da UNIVIX e do Núcleo de Estudos em Percepção Ambiental / NEPA.

roosevelt@ebrnet.com.br

As empresas estão preparadas para o aquecimento global ?

Uma pesquisa realizada com 101 executivos das mil maiores empresas americanas revelou que, apesar de quase todas se precaverem contra riscos de catástrofes, metade deles não está se preparando para os efeitos que as mudanças climáticas podem ter em suas operações.

A pesquisa, realizada pelo Marsh Center for Risk Insights (Centro de Riscos da Marsh), pediu aos executivos que enumerassem os oito riscos mais prováveis em seus negócios, incluindo desastres naturais, ataques terroristas internacionais, aumento dramático do preço do petróleo, mudanças climáticas globais, pandemias, colapso do mercado imobiliário, emergência de saúde humana e riscos ambientais, associados com a nanotecnologia e a falta generalizada de água. A pesquisa foi realizada por telefone e os executivos entrevistados integram as mil maiores empresas americanas, listadas pela revista Fortune.

Dentro desta lista, 58% dos executivos dizem que esperam e estão preparados para desastres naturais, 55% estão antecipando o aumento acelerado do preço do petróleo e 38% já estão preparados para casos de ataques terroristas.

No entanto, somente 12% dos entrevistados afirmaram acreditar que o aquecimento global é "muito provável" de acontecer e 50% indicaram que não consideram isso uma ameaça imediata. Desastres relacionados com a nanotecnologia, pandemias e falta de água generalizada não geram preocupações, segundo a pesquisa.

Apesar das crenças de que calamidades como estas são improváveis, 40% dos executivos pesquisados disseram que, caso ocorressem,

mesmo o mais improvável seria catastrófico para os negócios. E, apesar de 41% disserem que uma severa falta de água poderia causar o fechamento total ou parcial dos negócios, apenas 17% têm se preparado.

As razões por detrás deste pensamento, segundo os autores da pesquisa, é a crença entre a maioria dos executivos de que os riscos não seriam pertinentes a sua companhia, seriam muito grandes para serem gerenciados ou custariam muito para serem mitigados. No entanto, 14% afirmaram não enxergar muitas vantagens na mitigação dos riscos e outros 13% responderam que “ninguém nos está mandando agir”.

Mesmo os resultados soando pessimistas, os autores notaram sinais de encorajamento na pesquisa. Apenas 10% dos questionados disseram que tomar alguma ação iria prejudicar os negócios, apenas 5% afirmaram que alguém poderia gerenciar os riscos em seu nome e apenas 4% sentem que estes desastres poderiam nunca acontecer “com ele ou com a própria companhia”.

A Marsh, maior seguradora de corretoras e consultora de estratégias de riscos do mundo, criou o Centro de riscos no início de setembro com o intuito de fornecer informações privilegiadas e aumentar a atenção com relação a riscos globais. O Centro funciona como um guia para os negócios em resposta a mudanças globais. (CarbonoBrasil)